

COMO FAZER UMA ETNOGRAFIA DE MODO PARTICIPANTE: CONSTRUINDO SOCIABILIDADES COM TRABALHADORES VENEZUELANOS NAS “MATICAS” DE BOA VISTA, RORAIMA

HOW TO DO PARTICIPANT ETHNOGRAPHY: BUILDING SOCIABILITY WITH VENEZUELAN WORKERS IN THE “MATICAS” OF BOA VISTA, RORAIMA

Resumo

O presente artigo tem como objetivos principais descrever o processo de imersão em campo e explorar a construção de uma relação de confiança mútua, fundamental para a condução de uma pesquisa etnográfica participante. Para alcançar tais objetivos, será realizada uma pesquisa bibliográfica sobre metodologias nas ciências sociais, com ênfase na antropologia e na prática etnográfica. A base dessa pesquisa será a experiência em campo adquirida durante a elaboração da dissertação. O artigo detalha a dinâmica e a organização de três espaços de sociabilidade denominados “maticas”, com o intuito de identificar os passos essenciais para iniciar um estudo em campo. A etnografia, mais do que um método, possibilita a coleta de dados concomitante à elaboração de teorias. No entanto, destaca-se que a prática etnográfica não segue um manual ou receita padronizada; cada contexto exige uma abordagem sensível e adaptada às particularidades dos interlocutores e do ambiente. A abordagem proposta por Clifford Geertz (1989), que enfatiza a descrição densa, será seguida. Geertz sugere que se deve pesquisar nos espaços e, simultaneamente, interpretar em um nível mais profundo a cultura dos participantes.

Palavras-Chave: etnografia; pesquisa em campo; métodos; metodologia.

Abstract

This article has two main objectives. Firstly, to describe the process of field immersion. Secondly, to explore the development of mutual trust, which is crucial for conducting participant ethnographic research. To achieve these objectives, a bibliographic research on methodologies in the social sciences will be conducted, with a specific focus on

-
- 1 Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Roraima (UFRR) com habilitação em Sociologia. Licenciado em Sociologia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Antropólogo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: lopesgermano33@hotmail.com
 - 2 Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Amazonas, mestrado pelo Center for Latin American Studies (master in arts), pela Universidade da Flórida e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas

anthropology and ethnographic practice. The foundation of this research will be the field experience acquired during the preparation of the dissertation. The article details the dynamics and organization of three sociability spaces referred to as “maticas”, aiming to identify the essential steps for initiating a field study. Ethnography, more than just a method, allows for data collection while simultaneously theorizing. However, it is important to highlight that ethnographic practice does not follow a standardized manual or recipe; each context requires a sensitive and adapted approach to the particularities of the participants and the environment. The approach proposed by Clifford Geertz (1989), which emphasizes thick description, will be followed. Geertz suggests researching within spaces while simultaneously interpreting the culture of participants at a deeper level.

Keywords: ethnography; field research; methods; methodology.

INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de uma extensa experiência de campo nas ciências humanas, com foco específico na antropologia. Nossa trajetória na antropologia teve início em 2018, com a elaboração de um vídeo etnográfico. Em 2019, realizamos a etnografia de três espaços de sociabilidade como parte da nossa dissertação de mestrado, concluída em 2021.

Essa experiência forneceu uma oportunidade valiosa para refletir sobre os métodos e metodologias nas ciências sociais, especialmente na Antropologia. Um debate recorrente entre os iniciantes em antropologia é a diferença entre a pesquisa de observação participante e o método etnográfico. É fundamental esclarecer que o que muitas vezes chamamos de “método de pesquisa de observação participante” é, na verdade, uma ferramenta dentro do arsenal etnográfico. Além da observação participante, utilizamos diários de campo e outros instrumentos de coleta de dados secundários, como entrevistas e gravações.

Este artigo explora essas nuances, destacando como a etnografia permite a coleta de dados enquanto se desenvolvem teorias, mesmo sem um manual ou receita padronizada. Em consonância com a abordagem de Clifford Geertz (1989) e as reflexões de Marisa Peirano, buscamos entender as complexidades culturais por meio da descrição densa e do processo adaptativo.

MÉTODO

O método na pesquisa etnográfica está profundamente ligado à descrição densa, conforme proposto por Clifford Geertz (1989), e se alinha com o pensamento de Marisa Peirano sobre a etnografia como um método-teórico. A observação participante é central, mas vai além, explorando estratégias para conduzir a etnografia de forma reflexiva e adaptativa. A metodologia, como deli-

neada por Peirano, envolve estratégias para ganhar confiança mútua e gerenciar as incertezas que surgem durante o trabalho de campo.

Ao adentrar o campo, encontramos uma dinâmica própria, que deve ser compreendida e respeitada. A literatura e as teorias servem como guias, mas a observação participante exige um treinamento específico e uma abordagem flexível. Peirano destaca que a etnografia é mais do que um método; é um processo teórico que se desenvolve no campo. Cardoso de Oliveira e Peirano ressaltam a importância de ouvir, observar e registrar detalhadamente.

A construção da confiança mútua é essencial, e é preciso ir além da superficialidade para acessar dados significativos, conforme alertado por Brandão. A autoridade etnográfica se constrói tanto dentro quanto fora do campo pesquisado. Internamente, estabelece-se no encontro entre pesquisador e interlocutor. Externamente, após a coleta de dados e durante a escrita, nossas memórias seletivas desempenham um papel, como notado por Pollak. Ao interpretar o “livro desbotado”, refletimos e teorizamos sobre o fenômeno estudado.

A riqueza da etnografia participativa reside na capacidade de o leitor se imergir no cotidiano dos interlocutores por meio da escrita. Compreendemos o significado atribuído às ações ao observar diretamente e participar dos eventos. Essa interação direta e a vivência dos momentos antes e após conquistar a confiança mútua são essenciais para uma etnografia eficaz.

Cada pesquisa é uma experiência única. A etnografia não pode ser realizada em um único dia; o processo é complexo e gradual, levando à aceitação por parte dos interlocutores. Geertz, em sua pesquisa sobre brigas de galos, precisou agir conforme os balineses quando a polícia interrompeu o evento, buscando a confiança mútua para não ser ignorado. Assim, iniciamos o trabalho antropológico ao conquistar essa confiança.

O método é a teoria utilizada para analisar e interpretar as relações sociais. Essa teoria é elaborada pelo pesquisador antes de entrar em campo, mas deve estar aberta a adaptações conforme novas informações surgem. É crucial não abordar o campo com uma perspectiva pré-concebida. A teoria deve ser adaptativa, respeitando a dinâmica do campo e buscando novas literaturas quando necessário para compreender os significados atribuídos pelos participantes.

METODOLOGIA

É essencial distinguir entre metodologia e método. A metodologia é o plano e o roteiro que o pesquisador desenvolve antes, durante e após o trabalho de campo. Ela inclui a teoria, as ferramentas de coleta de dados e as estratégias de imersão.

Nossa experiência de campo, desenvolvida durante a dissertação de mestrado, serve como base para as reflexões deste texto. Focaremos nos espaços pesquisados: as “maticas”. As “maticas” são categorias nativas venezuelanas, usadas pelos migrantes para se referirem a espaços sombreados por árvores, onde aguardam oportunidades de trabalho. Esses locais estão localizados nas esquinas do Bairro Cidade Satélite, em Boa Vista, Roraima.

A identificação desses espaços pelos interlocutores revela regras específicas que facilitam a realização das atividades desejadas. Observamos essas particularidades durante nossa convivência com os migrantes na matica. Vale destacar que, devido ao calor intenso em Boa Vista, a sombra oferecida por esses espaços é especialmente valorizada ao longo do dia.

Quando falamos em categoria nativa, segundo Antônio Guimarães (2008) estamos nos referindo a:

[...] uma categoria que tem sentido no mundo prático, efetivo. Ou seja, possui um sentido histórico, um sentido específico para um determinado grupo humano. A verdade é que qualquer conceito, seja analítico, seja nativo, só faz sentido no contexto ou de uma teoria específica ou de um momento histórico específico. Acredito que não existem conceitos que valham sempre em todo lugar, fora do tempo, do espaço e das teorias. São pouquíssimos os conceitos que atravessam o tempo ou as teorias com o mesmo sentido. Se é assim, os termos de que estamos falando são termos que devem ser compreendidos dentro de certos contextos (Guimarães, 2008, p. 63).

SELEÇÃO DOS ESPAÇOS E INTERLOCUTORES

Para selecionar os espaços e interlocutores, estabeleci critérios que pudessem auxiliar no alcance dos objetivos propostos. A escolha dos espaços para o estudo foi determinada pela quantidade de migrantes que ocupavam essas áreas. Estes espaços, denominados “maticas”, representam um conjunto de relações sociais onde ocorre o autoagenciamento da força de trabalho dos migrantes venezuelanos.

MAPEAMENTO DAS MATICAS

Em geral, as pesquisas começam anos antes da execução do projeto. No meu caso, o ponto de partida foi 2018, quando produzi um vídeo etnográfico. Naquela época, tive a oportunidade de interagir com um jovem migrante venezuelano que atuava em uma matica, estabelecendo contatos com outros mem-

bros desse grupo. No entanto, ao retornar ao campo em 2020, no contexto da pandemia, enfrentei um desafio significativo: recomeçar do zero, já que os contatos estabelecidos em 2018 não puderam ser localizados.

Esse imprevisto é uma realidade que pode ocorrer em qualquer pesquisa. Aqueles que inicialmente serviriam como intermediários entre mim e os interlocutores já não estavam mais disponíveis. Assim, foi necessário iniciar o trabalho novamente. Esse recomeço destacou a importância de adaptar as estratégias e lidar com as incertezas do campo, reforçando a necessidade de flexibilidade e abertura para o inesperado.

A Figura 1 ilustra a *matica* que deu início a este estudo, localizada estrategicamente no cruzamento das duas principais avenidas que dão acesso ao bairro Cidade Satélite: a Avenida Dom Aparecido José Dias e a Avenida Universo. Este espaço foi um dos primeiros, se não o primeiro, a ser utilizado pelos migrantes venezuelanos como uma espécie de escritório a céu aberto, onde oferecem sua força de trabalho.

Figura 1 – Primeira *matica* do bairro Cidade Satélite



Fonte: acervo do pesquisador.

A Figura 1 ilustra a *matica* propriamente dita, aquela situada sob a sombra de uma ou mais árvores. Esse espaço é crucial para os migrantes, pois é onde eles oferecem sua força de trabalho para garantir a sobrevivência deles próprios e de suas famílias que permanecem na Venezuela. Além disso, os migrantes buscam se integrar à sociedade local e, posteriormente, se estabelecer de forma mais permanente.

Mesmo que outros espaços não possuam a sombra de árvores, serão igualmente denominados “*maticas*” devido à semelhança em seu funcionamento e dinâmica.

A *matica* descrita a seguir é conhecida como “*La Sede*”, nome atribuído tanto pelos seus ocupantes quanto pelos migrantes de outras *maticas*.

Figura 2 – *Matica la Sede*



Fonte: imagem feita pelo pesquisador.

La sede fica localizada na avenida Universo e Antares, como mostra a figura 2.

A terceira *matica* selecionada para essa pesquisa é chamada de “*Puesto el Índio*” tal como vemos na foto a seguir.

Figura 3 – *Matica Puesto el Índio*



Fonte: acervo do pesquisador.

O espaço em questão está localizado a aproximadamente duzentos metros da primeira *matica* estabelecida no bairro Cidade Satélite, na Avenida Dom Aparecido José Dias.

O processo de mapeamento dos espaços é evidenciado nas imagens, onde posso ser visto interagindo com os interlocutores. Neste estágio inicial, a confiança mútua ainda não estava totalmente consolidada, e as visitas eram breves. Utilizei a estratégia de distribuir merenda como uma forma de facilitar a interação. Para isso, vesti-me adequadamente e contei com a ajuda de Janderson.

O processo de inserção no campo, especialmente a interação direta com os interlocutores para estabelecer a confiança mútua, demandou um planejamento logístico cuidadoso, tanto material quanto humano, com uma antecedência de duas semanas. Na primeira semana, de 28 de setembro a 4 de outubro de 2020, encomendamos camisas personalizadas, exclusivamente para o uso do pesquisador, garrafas térmicas, copos descartáveis, guardanapos (conforme mostrado na Figura 12) e produtos para o preparo dos lanches que seriam distribuídos ao longo dos treze dias em campo.

Figura 4 – Materiais para a inserção no campo



Fonte: acervo do pesquisador

ANÁLISE TEÓRICA DA MIGRAÇÃO

A pesquisa em campo exige uma base teórica sólida sobre o fenômeno a ser investigado. No nosso caso, ao estarmos no campo, identificamos que a migração pode ser classificada em forçada e voluntária. A migração dos venezuelanos

pode ser compreendida como forçada e do tipo migrante por sobrevivência. O conceito de migração por sobrevivência, segundo Alexandre Betts *apud* Corrêa *et al.* (2015, p. 225), refere-se a pessoas que saem de seu país de origem devido a uma ameaça real à sua existência, sem encontrar uma solução dentro de seu próprio país. Nesse contexto, a migração venezuelana é considerada forçada, conforme Corrêa e demais autores (2015, p. 221), porque o Estado cria medidas de proteção, como a instituição do refúgio, como resposta inicial.

O termo 'refugiado' se aplica a qualquer pessoa que, devido a agressões, ocupação externa, dominação estrangeira ou eventos que perturbem gravemente a ordem pública em parte ou em todo o seu país, busca proteção. Na América Latina, encontros regionais levaram à criação da Declaração de Cartagena em 1984, que visava atender à demanda de países da América Central e do Chile enfrentando ditaduras e que provocaram mais de 2 milhões de deslocamentos para países vizinhos (Corrêa *et al.*, 2015, p. 22).

Os venezuelanos receberam o status de refugiado no Brasil. Conforme Corrêa e demais autores (2015), um refugiado é um indivíduo presente em um território marcado por graves violações dos Direitos Humanos. A Lei que estabelece a instituição de refúgio no Brasil é a 9.474 de 1997, elaborada sob o espírito da Declaração de Cartagena. Portanto, a escrita antropológica deve ser fundamentada em teorias.

PROCESSO DE IMERSÃO EM CAMPO

O processo de imersão no campo foi dividido em duas fases. A primeira fase, chamada de interna, refere-se à interação direta com os interlocutores. Em contraste, a observação de campo externa envolveu o acompanhamento dos espaços sem contato direto com os interlocutores presentes nesses locais.

Durante minhas observações nas ruas de Boa Vista, notei o surgimento de novas maticas em bairros onde antes não havia, com uma maior concentração de migrantes do que nos espaços previamente pesquisados. Destaco, entre essas novas maticas, a do Bairro Silvío Botelho, localizada no cruzamento da Avenida Ataíde Teive com a N-24; a do Bairro Raiar do Sol, situada no cruzamento da Avenida Estrela Dalva com a Avenida do Sol Nascente; e a do Bairro Jardim Tropical, localizada no cruzamento da Avenida Carlos Pereira de Melo com a Rua Carlos Fraxe, todos na Zona Oeste de Boa Vista.

Observando ao longo de três anos, constatei que esses espaços são dinâmicos quanto à presença de diferentes gêneros e níveis de escolaridade. Em uma das maticas identificadas recentemente, observei a presença de migrantes

do gênero feminino, semelhante à matica que conheci em 2018, quando interagi com uma migrante desse espaço.

A PESQUISA

Realizei uma etnografia participante nos três espaços mencionados. O objetivo foi compreender a organização e a dinâmica das maticas formadas por migrantes venezuelanos.

Metodologicamente, coletei dados através das narrativas dos migrantes e selecionei um migrante de cada espaço para relatar sua experiência no processo migratório. Utilizei também o diário de campo e a observação participante. A observação participante permitiu a elaboração de teorias através da etnografia nos três espaços, pois, como afirma Brandão (2007, p. 4), “[...] observando e compreendendo o que está acontecendo, participando da vida cotidiana das pessoas [...] e principalmente nos lugares de trabalho”.

O registro das narrativas orais foi realizado com o auxílio de um aparelho celular, e acompanhei a trajetória de três migrantes que se movimentaram entre a Venezuela e a rede migratória matica. Para isso, desenvolvi um roteiro (anexo) que serviu apenas como guia para mim e para os interlocutores. Selecionei os membros mais antigos de cada matica, além de ouvir outros participantes desses espaços.

Concordo com Teresa Haguette (1987, p. 82), que afirma que o registro de “histórias de vida” de migrantes “[...] requer uma compreensão íntima da vida dos outros, permitindo que os temas sejam estudados do ponto de vista daqueles que os vivenciam, com suas suposições, seu mundo e os constrangimentos e pressões aos quais estão sujeitos”.

As memórias, portanto, são construções sociais orientadas pelo desejo do interlocutor, e a forma como essas informações se tornam um fato é observando o interlocutor em seu cotidiano. Assim, fato e memória “[...] tornam-se simultaneamente enquanto discurso e narrativa” (Kofes, 2015, p. 21).

A busca pela compreensão da cultura dos nossos interlocutores vai além da interpretação de suas narrativas em primeira mão. Como aponta Geertz (1989), a etnografia é uma tentativa de se situar entre os interlocutores, sem a pretensão de se tornar um deles, realizando uma descrição densa a partir da compreensão das ações sociais no sentido weberiano e da interpretação cultural.

Para compreender o significado atribuído pelos interlocutores às suas ações, conforme Geertz (1989), voltei ao campo dois anos após a minha primeira

visita, realizando o processo de reinserção no campo, tanto a interação direta (interno) quanto o acompanhamento (externo) ao longo desses dois anos.

Contamos com o apoio de Janderson Alves Gomes durante os 13 dias intensos em que estivemos em campo, buscando entender a dinâmica e organização das matricas e como se formavam as redes migratórias, assim como o processo de autoagenciamento da força de trabalho dos migrantes nesses três espaços. Esses espaços foram selecionados a partir do mapeamento realizado ao longo de três anos, incluindo uma revisão final sete dias antes da reinserção no campo. Os bairros com maior concentração de migrantes à espera de trabalho são: Cidade Satélite, Jardim Caranã, Aeroporto e Jardim Floresta.

Para facilitar nossa reinserção em campo, encomendamos camisas para nos identificarmos como pesquisadores e representarmos a Instituição. As despesas da pesquisa foram cobertas pela bolsa de estudo que recebi.

PROCESSO DE INSERÇÃO E INTERAÇÃO COM OS INTERLOCUTORES

Iniciei oferecendo lanches durante uma semana, nas manhãs, nos três espaços selecionados. Nos dois primeiros dias, mantive visitas breves para evitar causar desconforto aos interlocutores. A intenção inicial foi realizar uma abordagem gradual para conquistar a confiança dos interlocutores.

No quarto dia, consegui estabelecer um nível de confiança com os interlocutores, e o processo será detalhado nas seções seguintes. A partir desse ponto, comecei a etnografia em cada espaço, embora esta tenha sido realizada desde o início da reinserção no modo de interação direta com os interlocutores. Identificamos e registramos as narrativas dos líderes de cada espaço — Júlio, Luís e Nelson — com base no critério de serem os integrantes mais antigos.

Para apoiar nossa pesquisa, utilizamos várias ferramentas, sendo uma delas o diário de campo. O diário de campo “[...] permite o registro detalhado das informações, observações e reflexões surgidas ao longo da investigação ou durante o momento observado. Trata-se de um detalhamento descritivo e pessoal sobre os interlocutores, grupos e ambientes estudados” (Corrêa, 2000, p. 21).

Corrêa (2000) destaca que o diário de campo é essencial para registrar o que ouvimos, sentimos em campo, além de aspectos como gestos corporais, cheiros e sabores. Esses elementos são difíceis de capturar apenas com gravações ou pela memória, que é seletiva e falha em registrar todos os detalhes (Pollak, 1992, p. 4).

Brandão (2007) também ressalta que “[...] o trabalho de campo é uma vivência, ou seja, um estabelecimento de uma relação produtora de conhecimen-

to” (Brandão, 2007, p. 12). Essa vivência foi buscada através da interação direta com os interlocutores, com o objetivo de compreender as particularidades de cada espaço e as relações entre os indivíduos presentes.

O trabalho de campo é um processo contínuo, que se estende até após a coleta dos dados. O acompanhamento dos espaços por um longo período foi facilitado pela localização dos locais de pesquisa, que estavam situados no trajeto diário do pesquisador, todos no bairro onde resido.

BUSCA PELA CONFIANÇA MÚTUA

A seguir, relato minha experiência como se fosse um diário de campo. Após delimitar os espaços da pesquisa, no dia 12 de outubro de 2020, dia de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, iniciamos a interação com os interlocutores nos espaços selecionados.

O primeiro espaço visitado foi a matica inicial do bairro, seguido pela matica *Puesto el Índio* e *La Sede*. Reconhecemos esses espaços como produtos de inter-relações, constituídos através de interações, como afirma Massey (2008, p. 29):

O espaço seria o encontro de múltiplas trajetórias e estaria em constante construção, precisamente porque o espaço, nesta interpretação, é um produto das relações entre relações que estão necessariamente embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas; ele está sempre em processo de fazer-se. Jamais está acabado, nunca está fechado (Massey, 2008. p. 29).

Durante os dois anos em que interagi diretamente com os interlocutores, comparando com minha interação com a matica em 2018, observei mudanças na organização e dinâmica dos espaços, bem como na forma de autoenciamento da força de trabalho dos migrantes.

Como descrito no meu diário de campo de 12 de outubro de 2020, acordamos às 6h00 para os preparativos e chegamos ao campo por volta das 7h00, beirando às 8h00, devidamente protegidos. O pesquisador usava uma camisa identificando o projeto e a instituição. Equipados com o diário de campo e um aparelho celular para registros, iniciamos a fase de interação direta após conquistar a confiança mútua.

O diário de campo foi crucial para a coleta de dados e para interpretar a cultura dos interlocutores, conforme a abordagem de Clifford Geertz. A etnografia nos três espaços visou compreender a organização e a dinâmica das maticas, que também funcionam como redes migratórias internacionais e nacionais.

No campo, realizei a observação participante, que implica “[...] estar pessoalmente no lugar, observando e compreendendo o que está acontecendo

[...] na vida cotidiana das pessoas [...] principalmente nos lugares de trabalho” (Brandão, 2007, p. 4). Mantivemos contato com os interlocutores diariamente, inicialmente com visitas breves para facilitar a integração com o local e com os interlocutores, conforme sugerido por Brandão (2007).

[...] procuro não entrar diretamente numa relação de pesquisa. Não só não invadir o mundo das pessoas com uma atitude imediata de pesquisa [...] eu acho que é muito enriquecedor viver um tempo, que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe até um mês de puro contato pessoal, se possível, até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios [...] por diante. Conviver, espreitar dentro daquele contexto o que eu chamaria o primeiro nível do sentir, sentir como é que o lugar é, como é que as pessoas são, como é que eu me deixo envolver. Isso é muito bom, porque faz com que a gente entre pela porta da frente e entre devagar. E, por outro lado, é bom também porque essa lenta entrada, eu diria essa mineira entrada, não tem aquela característica de um trabalho invasor em que as pessoas se sentem de repente visitadas por um sujeito que mal chegou ao lugar, saltou do carro e começou a aplicar um questionário (Brandão, 2007, p. 13-14).

DESENVOLVIMENTO DA INTERAÇÃO E DESAFIOS ENFRENTADOS

No quarto dia, ao descer do carro, ficamos surpresos com a recepção que recebemos. Os interlocutores nos ajudaram a organizar o lanche e demonstraram um interesse genuíno pela pesquisa, questionando sobre o que a *Antropologia* estudava. Essa mudança de atitude foi muito proveitosa, o que explicarei nos próximos parágrafos.

Conforme compartilhado por Carlos R. Brandão (2007), a confiança mútua entre o pesquisador e o interlocutor não se alcança apenas aplicando questionários. Brandão (2007, p. 13-14) destaca que, ao adotar essa abordagem superficial, “[...] toca-se apenas o verniz, e toca-se num verniz em que as pessoas se defendem até quando podem da invasão de que se sentem vítimas”.

Na mática, segui o plano estabelecido no dia anterior. Nosso assistente, Janderson, organizou os bancos para suportar as vasilhas com pães, mortadela e margarina, e a garrafa térmica com suco. Isso tudo foi feito sob o olhar atento e desconfiado dos interlocutores. Enquanto Janderson distribuía os copos para os migrantes, por volta das nove horas, eu me apresentei junto com a descrição do projeto e sua dinâmica.

Após a apresentação, notei que os migrantes se olharam entre si, muitos fixando o olhar em Júlio, o integrante mais antigo da matica. Júlio, que estava sentado e calado em um pedaço de madeira, interrompeu o silêncio e relatou uma experiência pessoal. Contou que recentemente foi contratado para realizar um serviço de acabamento em uma residência. Após uma semana de trabalho, o contratante pagou apenas uma parte e prometeu pagar o restante no dia seguinte. No entanto, ao retornar, Júlio encontrou o contratante armado e foi forçado a sair do local. Ele me disse: “É melhor perder o dinheiro do que perder a vida”.

Nesse momento nos perguntamos, qual seria o papel do antropólogo nesse tipo de situação? Pensamos de maneira rápida em uma resposta e falamos aquilo que acreditamos seja o nosso papel como pesquisadores, tal como havíamos deixado claro no início da interação, voltamos a repetir que o objetivo da pesquisa era dar uma visibilidade e compreender o modo de organização e a dinâmica dos migrantes desses espaços e, que em momento algum estaríamos oferecendo algum tipo de serviço que beneficie individualmente ou que resolva os conflitos que houvesse interna ou em relação aos contratantes sejam, eles nativos ou estrangeiros.

Nesse sentido, Pellegrini (2004, p. 238) afirma que, “A contribuição da antropologia, portanto, não está relacionada diretamente com a resolução de conflitos”. Sendo assim, continua o autor, o papel do antropólogo como comentador e crítico deve promover a articulação do discurso sobre a saúde, neste caso sobre a migração venezuelana em Boa Vista, com outros campos de ação social.

Também ouvimos um senhor de pouco mais de 60 anos de idade que estava em companhia do seu filho que é cunhado do Júlio, ele diz, “ainda estou duro para o trabalho” e logo sorri, o resto dos migrantes estavam tímidos com a nossa presença. Alguns olhavam fixamente para o que estava escrito na parte da frente da farda do pesquisador, enquanto lanchavam.

Após um silêncio pedimos licença e avisamos que iríamos ao próximo espaço selecionado para a pesquisa.

Ao chegarmos no espaço *Puesto el Índio*, fui recebidos com muita desconfiança por oito migrantes escorados na sombra de uma parede, afinal não trazíamos escrito na camisa *Puesto el Índio* e sim, *Projeto Matica*, quem conversou conosco foi o senhor Nelson, que viria a ser o interlocutor que narraria a sua trajetória da Venezuela até *Puesto el Índio*. Na *matica* tínhamos acabado de ser recebido também por aquele que seria o nosso interlocutor que narraria a sua trajetória o senhor Júlio, o mesmo aconteceu na *La Sede*, onde fui recebido pelo Luís, os três aqui citados eram os integrantes mais antigos de cada espaço, isto

era o critério que escolhi para ouvir a narrativa sobre a trajetória de um migrante de cada espaço.

No *Puesto el Índio*, ninguém falou nada após repetirmos o que fiz na *Matica*, ouviram-nos de maneira atenta enquanto lanchavam, ouvimos um bom dia e um obrigado de maneira tímida dos migrantes exceto o senhor Nelson³ que se manifestou de maneira firme e forte desde a nossa chegada com um bom dia e um obrigado na despedida. Assim, agradei e lembramos que voltaríamos ao espaço assim, como aos outros três durante a semana. De longe ouvimos um ok.

Saímos do *Puesto el Índio*, chegamos ao espaço que é chamado de *La Sede*, faltava pouco para dar 10h00, no espaço encontramos mais de 8 migrantes, nos apresentamos juntamente com o projeto, logo degustamos junto a eles o lanche, isso porque seria o último espaço a ser visitado nesse dia, planejamos isso, pois seria uma maneira de compartilhar um momento de confraternização junto aos nossos interlocutores, para isso, realizamos rodízio durante a semana de maneira que cada dia seja diferente o espaço onde lancharíamos junto a eles.

Ao chegarmos a *la Sede* fui recebido pelo integrante mais antigo do espaço, sorridente e atento, uma pessoa cheia de energia, muito comunicativo. Tudo isso, diante da desconfiança de alguns olhares de outros integrantes. Luís perguntou mais detalhes sobre o surgimento do projeto de pesquisa, isso enquanto compartilhávamos o lanche, disse-nos que a maioria dos que ficavam na *Sede* moravam em bairros distantes, que a busca por trabalhadores nesse espaço era boa, que muitas pessoas vêm de outros bairros procurar trabalhadores na *Sede*. Seguindo o planejamento de inserção no campo optamos por não estender a nossa presença. Assim, nos despedimos e lembrando-os que no dia seguinte estaríamos de volta mais cedo.

No segundo dia, começamos novamente pela *Matica* queríamos quebrar o gelo com os nossos interlocutores, desta vez foram bem mais receptivos e para a nossa sorte encontramos no espaço um antigo integrante do tempo de 2018, este fez a ponte entre nós e os novos integrantes do espaço, desta vez lanchamos na *matica* junto aos nossos interlocutores e o nosso velho conhecido comentava das mudanças que ocorreram neste espaço e nos disse que o integrante mais antigo era o Júlio.

Após nos despedirmos nos dirigimos a espaço chamado *La Sede*, encontramos cinco migrantes os demais estavam trabalhando ainda sob o contrato

3 Foi o interlocutor com quem fiz uma amizade mais próxima, levamos ele e a família ao Posto de Acolhimento no dia de sua viagem a Curitiba, ainda o acompanhamos quase que diariamente perguntando sobre a nova experiência nessa nova fase migratória. Com Luís mantive contato e marcamos uma sopa em conjunto com os integrantes da *Sede*, Júlio com o seu jeito sério como sempre, mantenho contato e nos visita sempre.

do dia anterior e outros tinham acabado de sair a trabalho. Luís não estava presente, mas fui recebido melhor que o dia anterior por uns, mas ainda com aquela desconfiança do primeiro dia por outros, enquanto lanchavam um deles se aproximou e nos perguntou se sabíamos como resolver o problema do auxílio emergencial⁴ que estava bloqueado, falamos que iríamos procurar saber e no dia seguinte levaríamos a resposta, outro perguntou se sabíamos onde estavam recebendo os currículos da empresa Techint, responsável pela construção da usina termelétrica, porque eles sabiam que esta empresa estava contratando migrantes venezuelanos.

Logo mais, chegaram dois migrantes nas suas bicicletas com os materiais de trabalho amarrados nela, na posição que atravessava ela e outras encomendas na garupa. Quando indagamos se eles estavam chegando nesse horário de 8h30min à *Sede*, nessa altura os cinco que encontramos no início já estavam ao nosso redor tipo uma roda de conversa, sobre a nossa pergunta da chegada dos dois migrantes, disseram-nos que tinham ido ver um serviço perto dali, mas não ficaram para realizar o serviço porque lhes ofereceram uma diária de R\$50,00 reais sem almoço⁵ e, ainda teriam que “*bater pulmón*”, significa fazer manualmente o serviço de que uma máquina de fazer concreto faria (betoneira), eles foram ver o serviço pensando que seria por empreita e assim, poderiam realizar em meio dia, mas ao chegaram na obra viram que tratava do modo diária e era serviço para uma semana, sendo assim, solicitaram a diária de R\$ 70,00 reais, já que não receberiam almoço, ao terem um não como resposta voltaram à *Sede* para aguardar novamente a vez de saírem.

Se juntaram a nós e lancharam, os outros nos narram que isso é comum, que mesmo fechando um acordo por um preço terminam recebendo menos no final do serviço.

Depois, perguntamos se todos moravam no bairro Cidade Satélite, Luís estava próximo fazendo um serviço (uma residência que fica uns 100 metros da *Sede*) se junta a nós e nos disse que a maioria moravam em outros bairros, que moram em casa ou apartamento compartilhados para poderem economizar e poder ajudar os familiares na Venezuela, ele trouxe a família (cônjuge e filhos) e

4 O Auxílio Emergencial é um benefício financeiro concedido pelo Governo Federal destinado aos trabalhadores informais, microempreendedores individuais (MEI), autônomos e desempregados, e tem por objetivo fornecer proteção emergencial no período de enfrentamento à crise causada pela pandemia do Coronavírus - COVID 19 (Auxílio [...], 2021). Ver em: <https://www.caixa.gov.br/auxilio/PAGINAS/DEFAULT2.ASPX>.

5 Sobre a clareza e falha na comunicação entre contratantes e migrantes vamos tratar na etnografia nos espaços, pois, neste momento ela apreço pela primeira vez para nós. Por que o migrante saiu para fazer um serviço pelos R\$ 50,00 reais sem o almoço? Se eles não saem por diárias que não sejam no valor de R\$ 70,00 reais sem o almoço e de R\$ 60,00 com almoço.

irmãos, lá ele deixou toda a comodidade que alguém de classe média podia ter, outros comentam que deixaram carro lá para andar de bicicleta aqui, a maioria deles (os que têm quase um ano) dizem que ainda estão tentando trazer a família, um mais novo deste grupo tem 22 anos, estudante de medicina teve que vir atrás de recursos para ajudar a mãe e irmãos que deixou lá.

Logo mudaram de assunto e dizem que eles criaram uma demanda como nunca antes visto na cidade no que diz respeito ao setor imobiliário, que estão lucrando com os venezuelanos que alugam imóveis que outrora estavam sem clientes para alugar, que muitos ampliaram ou construíram mais quartos e apartamento para alugar a partir da demanda criada por eles, e mesmo assim, existem pessoas que pensam que o venezuelano não soma nada aqui, preciso instante alguém disse, “vi em uma publicação no Facebook, que um candidato⁶ à prefeitura afirmava que eleito, venezuelano não teria privilégios aqui”. Houve um silêncio entre pesquisador e interlocutores, a tristeza na voz dele mexeu com todos e, logo disse, “só queremos trabalhar, para ajudar os nossos familiares”.

Pude identificar como os migrantes deste espaço por meio de suas narrativas colocam os seus pensamentos sobre a posição de vulnerabilidade na qual se encontram e que os contratantes sempre buscam tirar vantagem desta situação, parecido com o que tínhamos ouvido do Júlio também na *Matica* que para não ser pago lhe foi mostrado uma arma de fogo. Tal como Kofes (2015. p. 9), linhas acima nos disse que as memórias são distorcidas pelos desejos e pensamentos do momento. Assim, apresentarei ao longo deste estudo as diversas narrativas dos nossos interlocutores, que em todo momento reivindicam respeito e empatia para com a sua situação de migrante estigmatizado e vulnerável social e economicamente na sociedade receptora neste caso Boa Vista.

Respiramos fundo e achamos que o melhor seria deixá-los nesse momento, nos despedimos com a promessa de retornarmos no dia seguinte. Muito calor, a sombra aos poucos se dissipava neste espaço. Assim, nos dirigimos ao terceiro.

Ao chegarmos no *Puesto el Índio*, encontramos apenas um migrante após o lanche perguntamos pelo resto do grupo, ele nos disse que, no dia anterior todos saíram e a maioria está com diárias para hoje talvez até amanhã, ou seja, não vieram por espaço foram direto pro serviço, outros já haviam saído a traba-

6 Sobre a postagem do candidato a prefeito de Boa Vista, deputado federal Antônio Nicoletti (PSL), nesta terça-feira (13), que utilizou sua rede social para publicar um banner com a frase “Na minha gestão municipal, venezuelano não terá privilégio”, a Embaixada da Venezuela no Brasil, por meio da embaixadora Maria Teresa Belandria Expósito, enviou um comunicado se manifestando sobre a atitude do candidato (Expósito, 2020).

lho e, ele com a sua roçadeira montada na sua bicicleta ainda estava no aguardo, o sol estava praticamente em cima de nós, o migrante agradeceu pelo lanche e diz que atravessaria para o outro lado da avenida para ficar no canteiro debaixo de uma árvore para se abrigar do sol, e que logo mais voltaria para sua residência caso não aparecesse nenhum trabalho.

Indagamos se isso era comum nesse espaço, o migrante nos disse que só quem faz serviço por empreita costuma ficar até um pouco mais do meio-dia, o resto volta para suas residências as 11h e 30 minutos geralmente, pois o sol neste horário fica bem em cima deles. Nos despedimos e lembramos que no outro dia estaríamos de volta.

No terceiro dia de campo, realizamos o mesmo ritual que antecedia diariamente nossa ida à campo, tal como fiz ao longo dos treze dias. Assim, ao nos aproximarmos *do Puesto el Índio* não avistamos nenhum migrante, seguimos rumo à *Matica*, achamos dois migrantes, então, decidimos irmos à *Sede*, com a esperança de encontrar algum migrante ou mais migrantes na nossa volta aos dois primeiros espaços.

Ao chegarmos na *Sede*, encontramos apenas um migrante, decidimos começar por este espaço, lanchamos juntos, ficamos curiosos sobre a ausência dos migrantes, então, perguntamos do rapaz que aí estava, por que têm poucos hoje? Ele disse que nas duas primeiras semanas de cada mês a demanda era muita, geralmente no início da semana ou no segundo dia são contratados para fazerem serviços de que duram em média de 3 dias a uma semana, por isso da ausência de muitos neste espaço hoje. Agradei o tempo cedido, falamos para ele que voltaria no outro dia e fui para a *matica*.

Ao chegarmos achamos apenas um, servimos o lanche e logo fiz a mesma pergunta que fiz ao rapaz da *Sede*, sobre a ausência dos demais integrantes desse espaço, para a nossa surpresa ouvimos a mesma resposta, que a demanda estava alta por isso apenas ele estava no espaço, enquanto lanchávamos chegou um rapaz e pergunta se o migrante não aceitaria trabalho por um mês como ajudante de pedreiro, com salário de R\$1.350,00, sendo pago semanalmente, de segunda até sexta-feira, aos sábados seria hora extra no valor de R\$100,00 a diária e com direito a café da manhã e almoço, o migrante ouviu-o atentamente, mas logo diz que não podia aceitar porque ele trabalhava com a roçadeira, após ouvir a negativa do migrante disse apenas: ok, e se retirou.

Ficamos fazendo contas na nossa cabeça e dava pouco mais de R\$ 67,00 a diária com direito a duas refeições e se trabalhasse aos sábados a diária ficaria pouco mais de R\$72,00. Então, perguntamos quanto eles cobravam e porque ele não aceitou a proposta.

O jovem rapaz, de aproximadamente 25 anos nos, disse que como ele trabalha por empreita e não por diária não era vantajoso, pois ele faria o mesmo valor em 10 dias e os outros dias mesmo que não tenha serviço ficava com o tempo livre, sobre as diárias dos outros ele disse que ajudante de pedreiro e capinador cobrava R\$70,00 sem o almoço e R\$ 60,00 com o almoço, já o pedreiro de R\$100,00 a R\$120,00 mais o almoço. Como nesse dia não havia nenhum ajudante a disposição não foi possível um acordo. Logo mais nos despedimos e nos dirigimos ao *Puesto el Índio*. Ao chegar, encontrei apenas um migrante novamente, aquele do dia anterior, lanchamos e fiz a mesma pergunta que fi aos outros sobre os outros membros não estarem no espaço. Tal como nos disse um dia antes todos estavam com contratos de diárias até hoje e que talvez amanhã encontrássemos muitos de volta aqui no espaço. Agradei mais uma vez pelo tempo e disse: até amanhã. Hoje sobrou muito lanche, foi até o bairro João de Barro distribuir para um grupo de migrantes que ficam do lado de um comércio logo após a ponte de entrada no bairro.

No quarto dia me dirigi a *matica*, encontrei 5 migrantes, apenas dentre eles Júlio, chamaram mais 5 migrantes que ficam do outro lado na praça e lancharam à vontade, todos sem máscaras, a essa altura nós optamos pelo não uso das máscaras⁷, pois sentimos que isso, criava certa barreira e desconfiança para com os nossos interlocutores, agora estávamos como eles sem máscaras, sentimos eles bem mais à vontade e falavam muito dos serviços que fizeram nestes dias, fizeram-nos muitas perguntas sobre a pesquisa, momento propício foi este para indagarmos sobre o membro mais antigo do espaço, para nossa surpresa, aliás mais uma das muitas que tive ao longo destes dias Júlio era o membro mais antigo.

Com a confiança mútua estabelecida, solicitei permissão para fotografar e perguntei a Júlio se ele poderia participar da pesquisa como nosso interlocutor, narrando sua trajetória desde a Venezuela até a *Matica*. Ambos os pedidos foram aceitos de forma amigável, e fomos convidados a participar de uma roda de conversa mais próxima. Após mais de uma hora de conversa sobre o trabalho no Brasil e a experiência no garimpo na Venezuela, agradei e nos despedimos.

Recebemos ajuda para levar os materiais até nosso veículo e, nesse dia, decidimos usar uma mesa de plástico para acomodar melhor a vasilha com alimentos, copos, garrafas de café, refrigerantes e água mineral. Descobrimos que

7 Ao enviarmos as imagens para nossa orientadora, nos questionou o não uso das máscaras, explicamos que foi necessário para quebrar algumas barreiras junto aos nossos interlocutores e, caso fosse necessário anexaríamos o teste que certificava que não estávamos colocando em risco os nossos interlocutores, pois estávamos negativos para o vírus e positivo para o anticorpo. Fiz o teste no dia 27 de agosto de 2020, a pedido da Coordenação da Pós-graduação para podermos realizar a prova de Proficiência em Língua estrangeira no modo presencial nas instalações do Instituto de Antropologia da Universidade Federal de Roraima.

o espaço, que até então chamávamos de Dom Aparecido, era conhecido pelos migrantes como *Puesto el Índio*.

Ao chegar no *Puesto el Índio*, fui recebido por um senhor sorridente e atencioso, diferente do nosso primeiro encontro. Ele nos ajudou a montar a mesa, e outros integrantes se juntaram na tarefa. Nesse momento, chegou um senhor solicitando um trabalhador. O senhor que nos recebeu informou que quem não havia saído no dia anterior deveria ir ao encontro da pessoa que estava na beira da avenida aguardando alguém.

O migrante foi chamado e, minutos depois, retornou com a informação de que o pedreiro solicitado receberia apenas R\$ 80,00 por diária, sem comida. Explicou que, na região, pedreiros cobram entre R\$ 100,00 e R\$ 120,00, dependendo das condições e do tempo de serviço. Aproveitamos a oportunidade para perguntar sobre ajudantes e trabalhadores com roçadeiras. Ele informou que os ajudantes cobram R\$ 70,00 sem almoço e R\$ 60,00 com almoço, e ninguém aceita diárias abaixo desses valores.

O senhor, com um sorriso no rosto, nos disse seu nome: “Sou Nelson, me chamam de el Índio. Hoje estou fazendo 52 anos. Fundei este espaço, assim como a Matica, a Matica 2 e o *El Paredón*, que agora chamam de *La Sede*. Estou em Boa Vista há quase quatro anos”. Aproveitamos o momento de camaradagem para explicar novamente a dinâmica da pesquisa e solicitamos que Nelson, como o membro mais antigo do espaço, narrasse sua trajetória desde a Venezuela até o *Puesto el Índio*. Nelson aceitou e pediu que fizéssemos fotos para registrar que “o Índio esteve aqui”.

Um dos migrantes se aproximou e comentou: “Todos nós temos uma história, e hoje é a história do Índio Nelson, que está de cumpleaños”. Aproveitamos para marcar a celebração do aniversário de Nelson para o dia seguinte, comprometi-me a trazer um bolo (Figura 19) e também ajustamos a coleta da narrativa, acordando uma diária de R\$ 120,00, valor que Nelson cobraria como pedreiro. Nos despedimos, lembrando que o *Puesto el Índio* seria o último espaço a ser visitado no dia seguinte, para que pudéssemos celebrar o aniversário e ouvir a narrativa de Nelson. Partimos então para o último espaço do dia, o *La Sede*.

Comentamos sobre o letreiro amarrado ao poste, que estava difícil de ler, e verificamos se havia algum problema, pois do outro lado da avenida um carro com adesivo EMHUR (Empresa de Desenvolvimento Urbano e Habitacional do Município de Boa Vista) estava retirando uma faixa que anunciava uma loja de material de construção do bairro. Informaram que, durante a pandemia, houve restrições, como a proibição de aglomerações e a exigência de que apenas um migrante por vez estivesse no espaço.

Doamos uma garrafa térmica para que eles pudessem levar água ao espaço e R\$ 50,00 para a confecção de um novo letreiro. Reiteramos a dinâmica da pesquisa e expressamos a necessidade de entrevistar o membro mais antigo do espaço, que seria Luís. Informamos que a participação seria remunerada com o valor de R\$ 120,00, o valor que Luís cobra por seus serviços de pedreiro. Luís concordou prontamente, e consultamos o grupo e a ele sobre a autorização para tirar fotos. Ele e os demais concordaram, destacando que não havia problemas em aparecer na reportagem, já que não havia bandido no local.

Apresentamos novamente o projeto e a dinâmica, explicando que nosso objetivo era compreender a organização do espaço e que isso só seria possível através da convivência e das narrativas dos migrantes. Assim, buscamos possibilitar que o público conheça um pouco sobre esses espaços e sobre os migrantes que oferecem sua força de trabalho, em busca de sobrevivência, beneficiando pessoas tanto no Brasil quanto na Venezuela.

Ao nos despedirmos, marcamos com Luís a gravação de sua trajetória, pedindo que ele não vendesse sua força de trabalho, pois seria remunerado conforme sua diária. Agradecemos e retornamos às nossas residências.

No quarto dia, percebi que os migrantes Júlio, Luís e Nelson, que nos receberam no primeiro dia em cada espaço e frequentemente conversavam conosco, eram os membros mais antigos de cada local. Eles eram constantemente procurados pelos demais migrantes para consultas sobre serviços e outros assuntos relacionados à manutenção da coesão dos espaços.

DESENVOLVIMENTO DA CONFIANÇA E REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO ETNOGRÁFICO

Ao término do quarto dia de campo, percebemos que a confiança entre nós, pesquisadores, e os interlocutores se estabeleceu de forma mútua, o que é crucial para a realização de uma etnografia. A interação contínua nos espaços nos possibilitou a aceitação por parte dos interlocutores, permitindo que passássemos de estranhos para conhecidos e, até mesmo, amigos de nossos três interlocutores e de alguns membros dos espaços estudados.

Adotamos uma abordagem detalhada, utilizando datas para criar uma narrativa semelhante a um diário de campo. Acreditamos que registrar o processo de inserção no campo da maneira mais próxima possível do nosso cotidiano é essencial. Isso não só documenta nossa experiência, mas também pode servir como referência para futuros pesquisadores que desejem realizar etnografias. A construção da confiança mútua pode levar dias, semanas ou até anos.

Organizamos nosso trabalho para documentar os dias que se seguiram ao quarto dia de campo, assim como nossas observações desde o início do contato com os interlocutores. O quarto dia foi um marco, pois percebi que a partir do quinto seria possível realizar uma etnografia mais aprofundada em cada espaço. Mas o que, afinal, constitui o fazer etnográfico neste estudo?

Como afirma Mariza Peirano (2014), toda etnografia também é teoria. Geertz (1989, p. 21) compara a etnografia a tentar “ler um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses”. Fazer etnografia é situar-se entre os interlocutores, sem pretender tornar-se um deles, e pesquisar não apenas os espaços, mas as práticas e interações que ocorrem neles. Geertz (1989, p. 33) destaca que “os antropólogos não estudam as aldeias (tribos, cidades, vizinhanças...); eles estudam nas aldeias”.

Geertz (1989, p. 15) também observa que a etnografia não é apenas uma questão de métodos, mas de esforço intelectual. Praticar a etnografia envolve estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias e mapear campos, entre outros. No entanto, o que define o empreendimento etnográfico é o tipo de esforço intelectual que representa. Fazer etnografia é oferecer uma descrição densa a partir da compreensão das ações sociais e das relações entre os interlocutores, através da interpretação da cultura. Para Geertz (1989, p. 15), cultura é uma “teia de significados” que os seres humanos tecem e à qual estão ligados.

A etnografia, portanto, é realizada desde o nosso primeiro encontro com os interlocutores, buscando compreender as teias de significados que atribuem às suas ações e existências. A partir do quinto dia, quando estabelecemos a confiança mútua, iniciamos a visita ao espaço denominado *La Sede*, tendo agendado com o senhor Nelson do *Puesto el Índio* para gravar sua narrativa sobre sua trajetória social.

Luz Arango (1998 *apud* Gonçalves; Lisboa, 2007) também utiliza o termo “trajetória” com ênfase na trajetória social como um ciclo ou etapa da vida. Para Arango, “trajetória social” refere-se ao encadeamento temporal das posições ocupadas pelos indivíduos nos diferentes campos do espaço social, levando em consideração as interações entre campos profissionais e familiares (Arango, 1998 *apud* Gonçalves; Lisboa, 2007, p. 88).

Gonçalves e Lisboa (2007, p. 88) destacam que “[...] as trajetórias sociais de cada indivíduo envolvem processos de construção e desconstrução de poderes que se entrecruzam, configurando mudanças nas relações”. Compreendemos, portanto, a trajetória dos três migrantes em cada espaço sob essa perspectiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, compartilho minha experiência de campo durante a elaboração da dissertação de mestrado. Ao longo desse processo, enfrentei desafios e imponderáveis inerentes à pesquisa etnográfica. Observei que o campo possui sua própria dinâmica, e não há um manual padronizado para conduzir a etnografia de modo participante. Em vez disso, experiências individuais podem servir como guias para a prática antropológica.

A metodologia é o mapa que orienta nosso trabalho, enquanto o método é a lente teórica através da qual interpretamos as relações sociais. No cerne da etnografia está a confiança mútua, um elemento essencial para compreendermos profundamente as experiências e perspectivas dos interlocutores.

REFERÊNCIAS

- ÂNGELO, G. L. *Matica: migrantes venezuelanos e trabalho temporário em Boa Vista-RR*. 2021. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2021. Disponível em: <https://antigo.ufr.br/ppgants/banco-de-dissertacoes>. Acesso em: 1 jun. 2023.
- AUXÍLIO EMERGENCIAL. *Gov.br*, Brasília, DF, 30 mar. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/empresas-e-negocios/pt-br/artesanato/auxilio-emergencial>. Acesso em: 23 set. 2024.
- BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 11-27, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1719>. Acesso em: 26 set. 2024.
- CORRÊA, M. A. S. et al. *Migração por sobrevivência: soluções brasileiras*. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, DF, v. 23, n. 44, p. 221-236, jan./jun. 2015.
- CORRÊA, de S. A. *Projeto Assistencial: a construção de uma ouvidoria e saúde escolar*. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Enfermagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.
- EXPÓSITO, M. T. B. Embaixada da Venezuela se manifesta sobre publicação de candidato. *Folha BV*, Boa Vista, 13 out. 2020. Disponível em: <https://folhabv.com.br/noticia/POLITICA/Roraima/Embaixada-da-Venezuela-se-manifesta-sobre-publicacao-de-candidato/69645>. Acesso em: 26 set. 2024.
- GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989. p. 3-21.
- GUIMARÃES, A. Cor e raça: Raça, cor e outros conceitos analíticos. In: SANSONE, L.; PINHO, O. A. (org.). *Raça: novas perspectivas antropológicas*. 2. ed. rev. Salvador: Associação Brasileira de Antropologia: Edufba, 2008. p. 63-82.

HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1987.

KOFES, S. *Vida e grafias: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

GONÇALVES, R. C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v. 10, n. esp., p. 83-92, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/VzGmzYXDPdxPgthrfPL4tVP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2021.

MASSEY, D. B. *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Tradução: Hilda Pareto Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/n8ypMvZZ3rJyG3j9QpMyJ9m/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PELLEGRINI, M. As equipes de saúde diante das comunidades indígenas: reflexões sobre o papel do antropólogo nos serviços de atenção à saúde indígena. In: LANGDON, E. J.; GARNELO, L. (org.). *Saúde dos povos indígenas: reflexões sobre antropologia participativa*. Rio de Janeiro: ABA, 2004. p. 233-243.

POLLAK, M. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.